

«O meiro, eu conheci-o»
 «Rapiando umas finas ironias»
 «Contava, assobiava alegremente!»
 «Em cima do seu velho chapéu alto,»
 «Comondo alegremente, haoradamente!»
 «Dão-me cabo de tudo estes ladrões!»
 «Como lá é meiro e sabe assobiar!»

(Com licença do autor)

EDITOR: Luís Teixeira.

PESSOAL CÂ DO ESCRITÓRIO:

António Leão Martins, | Augusto Serra e Costa,
 Júlio Meireles de Noronha, | António Pinto de Carvalho.

Redacção e Administração: RUA EGAS MONIZ, 99

Composto e impresso na Pap., Tip. e oficina do Enc. de E. José de Freitas, Tóral, 129 e 130

Quinzenário humorístico e literário

HOMENS DO FUTURO

«O povo de Guimarães está só acostumado a piada sem piada...»

(Da «Aurora Académica»)

Não sabemos nem procuramos saber se o povo de Guimarães está habituado a piada sem piada. O que sabemos e podemos afirmar, sem receio de desmentido, é que não está habituado a piadas chulas e ordinárias como algumas publicadas em o n.º 2 humorístico (humorístico virgula), e literário (literário ponto de interrogação), quinzenário dos alunos do nosso liceu.

Não está, não.

Aquelas piadas que felizmente mereceram a justíssima censura da maioria da rapaziada académica não são indi-

gnas de quem é delicado e usa capa e batina como fariam corar um frade de pedra ou os judeus dos Paços do Campo da Feira se não fossem de pau.

Não, meninos! aquelas piadas são indecentes e indignas de rapazes bem educados.

E ainda há quem queira sustentar que foi bem abolido o uso da palmatória.

Isso foi êle!

No caso presente, duas dúzias em cada mão ainda era pouco; mas duas dúzias puxadas de traz de orelha e dadas por mão de mestre-escola, o

sr. Oliveira dos óculos, por exemplo, visto, infelizmente, já não fazer parte do número dos vivos o Valença de saudosa memória.

Ora os raios dos rapazes para o que lhes havia de dar!

Para ofender senhoras e até (oh triste rialidade!) os próprios camaradas.

Quem lhes desse com um gato morto na *tableta* ou com um bacalhau no sitio onde a espinha dorsal perde o nome.

Mal sabem extrair a *raiz quadrada* e declinar o *hora-horae* e já querem dizer *tá-lá!*

Que falta fazes, *Santa Luzia de cinco olhos!*

Eras tam milagrosa! fazias tantos milagres! tantos, tantos!

Mas... agora nos lembra:—que notas terão êstes *fedelhos*, autores da-

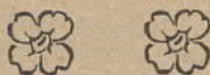
quelas ofensivas babo-seiras?!
—Ora espera: talvez o Nunes nos possa dizer alguma coisa.

—Ora deixa ver a caderneta, ó Nunes!

0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e... é o que dá a *santa*.

Confirma e bate certo.

Pobres pais!...



A uma enfeitada

Moreninha sem geiteira
E que acredita em feitiço:
Não te metas em apertos,
Segura bem teu derriço...

Co'o ramo de violetas
Foi o tal feitiço feito;
Não venhas para a escada,
Tem cautela co'o sujeito...

Brade aos céus a terra inteira
Que eu não creio em tal feitiço;
Tem cautela, moreninha,
Arranja um outro derriço...

Pede auxílio à tal modista
Pró feitiço deitar's fora;
Com a ajuda do *Espião*
O feitiço vae-s'embora...

Quem te fez o tal feitiço?
Diz—foi a russa? Ah que bela!
—Quem me dera ser a mim
Enfeitado por ela!

Um conselho te vou dar,
Minha cara cor de mel:
Tem cautela co'o feitiço
Do teu amado Manel.

A tal russa já fugiu?
—Foi passear de balão,
Aprender novos feitiços
Pró Manel pôr no *Espião*,

Dá engresso ao progresso,
Oh meu derriço!

Que eu confesso e não esqueço
O teu feitiço...

Coisas novas e velhas, leves e pesadas

Ai as mulheres...

Na América, nessa América descuidada onde abunda o oiro mais do que o juízo e o bom senso muito menos que a maluqueira, segundo diz Sousa Pinto, as mulheres, das tais mulheres que o diabo pinta... para que elas pintem o diabo, segundo a *charge* de um caricaturista distinto, fazem o que querem e tudo lhes fica muito bem, embora muitas vezes delas se diga muito mal.

E' o país da reinação; dos inventos e das petas; e às vezes é cada uma...

Lá, as mulheres, as que são ricas e que por isso não sabem em que empregar o tempo e o dinheiro, cultivam o luxo e a vaidade, e quando picadas no balofo orgulho são umas ferazinhas levadas da bréca.

Por cá, felizmente ou infelizmente, como queiram, também temos *dessa gente*. Mas lá fóra é outra dança.

Quando uma das tais, daquelas de pelo na venta, se julga ofendida ou melindrada (pois são muito sensíveis) que faça, que pagode franciscano...

E não nos alongando em considerações vamos reproduzir, em resumo, o que o mesmo escritor Sousa Pinto com certa graça nos conta em o seu admirável livro, a "Evanidade,, sobre a desforra de duas mulheres endiabradas.

Atenção e já princípio (como dizem os abades prégadores).

E' uma história simples (e leve, esta faz parte das leves) de duas rivais, ambas formosas (ora se não haviam de sêr rivais) e ricas (ainda mais essa, e ricas) que, ou levam a vida ao espelho, ou se ostentam ufanosas pelas ruas e praças mais centrais, sempre com ostentosos e variados vestidos. Julgaram-se um dia mordidas no fôfo capricho e a

exemplo dos nossos homens de estado, dos que mais presam a dignidade que o bandulho, desafiaram-se para um têsso duelo.

—Ah!... e depois—estou a ouvir aqui do lado.—

E depois minha rica senhora aí vai; não se assuste, é extraordinário, mas não temos dúvidas em acreditar em tal.

Duas mulheres desafiadas!

E um duelo a vestidos.

Aquela que mais vestidos novos apresentasse seria a vencedora.

No dia aprazado principia o duelo num salão: aparecem e desaparecem variando sempre de vestidos numa conquista renhida.

(Pelos modos à Donini não há que duvidar).

Novos vestidos, novas maneiras, um pagode de pegado exhibicionismo.

Passado muito tempo a sr.^a X volta dentro para continuar; a outra, a sr.^a G, desmaia, não tinha mais vestidos.

Algum tempo depois a sr.^a X, aparece embrulhada numa capa de veludo, o que significava que ela não dispunha de mais vestido nenhum.

Compreendendo o caso, a sr. G reanima-se e desaparece para logo voltar toda airosa e fresca no seu vestido finissimo de banho.

E' claro, produziu sussurro e gula e arrancou da lúbrica assistência uma ovação estrepitosa.

Tal vendo a sr.^a X, e não desejando ficar vencida ia a precepar-se no seu aposento quando seu marido a impediu.

Foi prudente pois conhecera perfeitamente qual a resolução que sua esposa ia tomar.

Por um triz appareceria qual outra Eva tentadora... aos olhos dos mortais.

Assim, os curiosos mortais enguliram em seco.

O duelo, é claro, ficou empatado.

Ele há cada uma... E' da América, mas como o vagar faz culheres e o dinheiro sustenta caprichos...

...São o diabo,

Cerrando os olhos



I

—Eu cá 'stou; e, na verdade,
Por minha infelicidade,
Mandaram-me p'ra Pinhel:
Deixo, pois, a minha Câmara
—Quartel que eu tanto amara—
Onde fiz o meu papel.

II

Ir p'ra lá eu não quizera:
Do ministro que fizera
O despacho,—eu consegui
Ficar; mas, veio o Pimenta
—Flagelo que me atormenta—
'Stais a ver, p'ra lá segui...

III

Pára-Raios me chamaram,
De *Malaio* me aplidaram
E *Cabeça de Alfinete*:
33 * triangular *
Veneravel de lugar,
Possuidor de *Malhete*.

IV

G * O * Lusitano * !!!
De pertencer eu me ufano
A esta *agremiação*!
Tem-me rancor e ódio o Mário
—Esse palrador primário—
A quem fiz perseguição.

V

Correspondência entre dois
Fazia-a eu; mas, depois,
Diziam que era *ilegavel*...
Democrático a valer:
Hei-de ser até morrer
Do Afonso inseparavel.

VI

Sindicância promovi
A um secretário; e, d'aí
Nada deu em meu proveito;
Que também podia ter
Esse lugar a render
P'rá bolsa cá do sujeito.

VII

—Eu cá 'stou; e, na verdade,
Conhecido na cidade
Onde fiz o meu papel:
Ofreço, a esta gentinha
Que odiou a vida minha,
Meus préstimos, em Pinhel.

“SONETO,,

(a alguém)

Horror! Já sinto a morte vir além,
Depois que te deixei; e que tristeza...
Co'os bolsos recheados de pobreza,
Já durmo sossegado e como bem.

E quando penso em ti comer não posso
Coisas más; e beber só do bom vinho.
Por tua causa assim ando magrinho
Que não posso palpar nem um só ôsso.

Quando estás à janela, eu p'ra te ver
Procuo passar sempre n'outra rua
Que por a tua só passo a correr.

E se algum dia tu for's à tabúa,
Digo-te que da casa é bom varrer
Todo o pó que te dá a côr da lua.

BOBY.

Portuguêses de Portugal

«Oh! portuguêses, portuguêses de Portugal!»

(Clama uma gaze-
ta da terra)

Oh! portuguêses de Arabia, de
Arabia portuguêses.

Oh! portuguêses, portuguêses
de Portugal, Francêses da França,
Inglêses da Inglaterra, Chinêses
da China, *Peruanos* (boa marca de
charutos e recomendável) do Perú,
Japonêses do Japão, Russos (...da
Suíssa — não pode ser) da Rússia,
etc. e tal: vinde todos armados até
aos dentes para que um vimaranense
de Guimarães, ao ver tantos
Russos e Perús, implante sem receio
a coisa que êle sabe!

Avante vimaranenses de Guimara-
rães pela Pátria, pelo Rei e pelas...
batatas!

Ainda faz lembrar a história dum
Português Russo da Suíssa que se
viu Grego na Turquia.

Pelo monóculodo “sór,, doutorO que se Observa:

As escandalósas piadas da D.
“Aurora...”

A “Aurora Académica,, a dizer
que o indigena não sabe apreciar
os seus escritos.

O café da Brasileira.

A manteiga dos lavradores.

O *La Croix* a dar graixa ao se
Cónego Zé Maria, no jornal aca-
démico.

A falta de matéria para esta
secção.

A falta dum manicómio, cá na
cidade.

Os nossos académicos a insulta-
rem-se mutuamente.

A conveniencia de uma vaca-
ria, perto do Liceu.

A grande vontade de pôr o
“Melro,, no *dernier cri*.

O alfaiate do Londres diploma-
do pelas Universidades Inglês-Chi-
nó-Russa.

A gentileza que alguém têve em
convidar um representante, cá do
escritório, para assistir ao banquête
do sr. Pimenta de Castro.

A grande quantidade de cabrito
que o pôvo desta laboriosa comeu
durante estes dias.

O sr. Fausto (grão mestre do
chanfalho) policiando procissões:
umas vezes de barretina na cabeça;
outras vezes na mão.

As missas só para homens, na
cidade de Braga. Faz-nos lem-
brar aquela especialidade — Cine-
matográfico só para homens...

O lixo em certo original que
nos tem chegado às mãos.

Uma barbearia de S. Dâmaso e
mais o seu empregado.

O sr. Bilontra escolhendo a me-
lhor maneira de ser elegante.

Os colarinhos primários, depois
de tanto uso, amachucados.

O porteiro do colégio do Cam-
po da Feira com todo o seu far-
damento.

O *Redingot* do sr. Sousa.

Os oculos alvejados do sr. Bar-
rinhos.

A carta do sr. Mário educador,
publicada na *Alvorada*, mostrando
que ainda não comprou um livri-
nho de civildade. São a meio tos-
tão e o sr. Lemos tem-nos à venda.

Resando oitavas:

II

Com todo o pedantismo a namorar,
Trazendo a mão coberta e bem ferrada
Por as tuvas, que a todos quer mostrar,
E mui'specialmente à sua amada;
Dá-nos idea dum *lord* a passear,
Sahido duma casa afidalgada.
Contudo é o *Bilontra* aventureiro
Que não dá (mas porquê?) o seu dinheiro!

...DE VICO PRETO.

“Musa Vil,,

Até que enfim! Participa-nos o
seu auctor que a casa tipográfica
onde é impresso o dito volume
poetico, estará, por todo êste mês,
cá fora, pronto a correr mundo.

As nossas felicitações ao em-
pregado do nosso escriptório e cá
aguardamos um volume gratis (pre-
ço da chuva): depois diremos coi-
sas...

Gemidos da nossa lira

(Trovas oferecidas ao nosso poético povo)

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferrinhos: para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vae a festa... Clave de sol: tom menor...)

V

—Quem canta seu mal espanta.—
E puz-me então a berrar...
Desde que tanto gritei
Mudo não posso falar.

VI

Anda o diabo na serra,
Correndo o vento ao calhau:
Quando o pai bate na mãe
Há muita força de pau.

VII

E' illustre o meu amor,
Superior a um conselheiro:
Querem saber o seu posto?
—No quartel é... corneteiro!

VIII

—O' minha amada Rouquinha,
Quão formosa que tu és!
Desde as pontas dos cabelos
Ate às unhas dos pés!

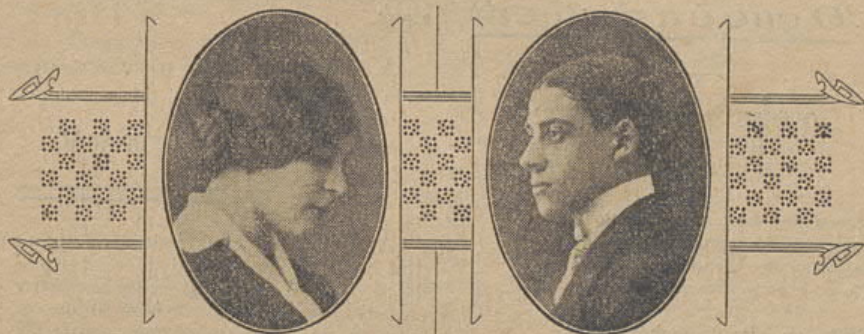
(CONTINUA.)



Previnen-se os Snrs.
assinantes que, para
efeito da cobrança, só
são válidos os recibos
que levem no verso o
carimbo da casa co-
mercial ANGEL LO-
BATO.

A Redacção,

EM FOGO:



.....
E' a mais bela, primorosa dita,
Que todo o homem prelibar podia
Se neste mundo de paixões mentidas
Ouvesse muitas como tu, Maria!

A LMA de rosa, tipo de be-
leza, vive numa habitação
muito risonha, cercada de verdu-
ra, luz e flores.

No affecto dos seus é uma joia
preciosa que se estima pela sua
modéstia que em si mais brilha e
seduz.

Estuda a musica com habilida-
de e dedicação, e assim sabe
minorar as saudades de um cora-
ção em primavera.

Na rua envolta na estola de Mar-
ta, segue radiosa rescendendo aro-
mas de delicadas flores, acom-
panhada de seus engraçados so-
brinhos que na sua pura e alegre
inocência sempre chamam a tia
Mimi para uma pergunta com gra-
ça e encantos.

E o "Melro",—colocando-a ho-
je em lugar de honra, no lugar
onde se presta homenagem à vir-
tude, à beleza, ao saber e à gra-
ça—, sauda-a com os seus mavio-
sos cantos, cantos ternos de apa-
ixonado.

Sauda-a, porque saudando-a
presta assim homenagem a fina
graça e à sua afabilidade.

IMAN.

*E*STE cá caiu; e, francamente,
caiu um figurão.

Conhecem-no?
E' ele, é o António Pereira... sem-
ser da Silva.

E' um rapaz alto: vara e pico de
altura.

E' guapo e forte, bem construido
e direitinho como um varapau de
marmeleiro.

Usa cara rapada, não sei se por
comodidade higiênica se por luxo. E'
certo que assim coadinho, face sem
pelo, é mais airoso e fresco o seu
aspecto, tem mais expressão o seu
sorriso franco e mais graça os seus
lábios finos dum colorido fresco de
romã.

Apresenta-se na ponta da unha,
como costuma dizer-se: veste bem
e com gosto. Em passeio, êle corte-
ja para a direita e para a esquerda,
diz adeus a êste rapaz amigo e aque-
la senhora conhecida sempre com
um garbo excelente e agradável.
Tem muitos conhecimentos. E' pró-
digo em dispensar todas as regras e
efiquetas do estilo a quem quer que
por êle passe: (principalmente às
senhoras) conhece de sobejo as re-
gras da delicadeza, sabe de cor o
compêndio de civilidade e conhece
também... muitos estrangeirismos.

E' rapaz sério, concentrado, ami-
go do seu amigo, afavel no trato e
polido no gesto.

Desculpa, hoje caíste tu, amanhã
cairá outro, Tem paciencia. A fita
continua. O codak está sempre
pronto.

AVA.

Plebiscistos de "O Melro,"

(Secção quinzenal)

O que é a mulher?

O QUE É A MULHER?!

A' gaiano m. de L. P. Figueiredo

Ante ti ajoelho e meus anhelos
Haver-me-hão seguido eternamente
Ao soltar dos vocabulos mais belos
Que eu hoje pronunciei reverente.

NOIVA—um feixe de sonhos ao luar,
Cadencia de esperanças uma a uma,
Vaga de beijos entre o suspirar,
Barca singrando só através de espuma!...

ESPOSA—altar imenso onde te adoro;
Se te vejo chorar eu tambem choro
Acompanhando assim teu soluçar!...

E MÃE—meiga Mãe!... Santa como a minha!...
E's tudo, Mulher!... Toda a «Salvê-Rainha»
Que Deus architectou para nos dar!

R. E.

O QUE É A MULHER?

A mulher, modernamente falando,
é a causadora de inumeros suicidios
de adoentados cérebros.

A mulher é a mortificação do marido
quando pede 4 chapéus e 8 vestidos
novos, por ano.

A mulher é um papagaio a falar.

A mulher é o assunto do dia.

A mulher sendo boa de génio é a
paz do lar; e quando tem génio endiabrado
é dum homem dar a fugir de casa
e nem para traz olhar.

...DE VICO AMARELO,

A mulher é uma *rela*.
Tudo o que saba ela diz,
A tudo entorta o nariz
Dando sempre à *tramelá*,

El *relá*, e para *relar*.
Isso não há como ela
Em começando a falar...
E' *tramelá* e mais *tramelá*.

A mulher é um instrumento que
nem todos os homens o sabem tocar.

A mulher é uma víbora sem veneno,
porque do contrário não haveria homens.

A mulher é como o tempo: ora
chuvia ora vento.

PAI-ADÃO.

A mulher é o astro raiante de bendita
luz, que Deus fez descer ao mundo,
dos umbrais rendilhados do «azul celeste»,
para suavizar com todas os seus misteriosos
encantos a vida do homem.

A mulher é a flor divina que nasceu
no paraíso, e voando num devaneio ditoso
como uma pomba mansa, veio desabrochar
na terra, onde desde logo se cognominou
rainha...

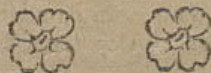
Deus dotando a mulher com toda a
graça, com todas as magias do mistério
e da beleza, fazendo dela o vulto
adorado dos nossos fantasiados sonhos,
só teve em vista fazer a felicidade
do homem, dando-lhe para companheira
a criatura peregrina de santa resignação.
Que seria a nossa vida (de nós, homens)
se não tivesse a dulcificante as carícias
enebriantes e os beijos carinhosos da
mulher que tanto amamos, dessa imagem
redentora que nos vem povoar os nossos
doirados sonhos, como uma visão ridente
que nos surge do céu?...

Seria uma noite de perpetuas trevas,
e, eu se assim fosse, por mim confesso
que não queria viver...

ROLANDO.

O QUE É O HOMEM?

A todas as pessoas pedimos os seus
pareceres, que serão publicados no
próximo numero do nosso jornal.



O MELRO encontra-se à venda, no Kiosque do sr. Torquato Gonçalves, ao Passeio da Independência.

Retalhando

Quem na seita é *rosa cruz* * * e
da cera tem a côr?

E' o senhor *D. Prior*.

—Quem no burgo mais anfero e
menos faz?

E' o pera de *Satanaz*.

—Quem é branco como *breu* e
no coração só tem fel?

E' o que vai p'ra *Pinhel*.

—Quem dos jardins tem o pelouro
e nos mesmos só faz *bichinhas*?

E' o *Prechinhas*.

—Quem já virou a casaca, porque,
dizem, na câmara não lhe aparraram
a asneira?

E' de *Creixomil* «o *Vieira*».

—Quem dos *tais* já levou coice,
mas é *fixe* à *igrejinha*?

E' de *Roma* «o *Ferreirinha*».

—Quem nas *Taypas* quer matadouro
mas ninguém o toma a sério?

E' o pilulas «do *Silvério*».

—Quem tudo mexe em Lisboa e
até já lá arranjou *gamela*?

E' o que vae p'ra *Queimadela*.

—Quem na terra é senador e da
«casa que mais barato vende» rival
é?

E' o *Grilê*.

—Quem na «*Alvorada*» rabisca e
do *Darvém* é apologista?

E' o *guarda-solmateria lista*.

—Quem de inteligente se dá ares,
mas que isso p'ra nós não pèga?

E' o *Pita-Cêga*.

—Quem agora é democrático
sendo antes progressista?

E' o *Toucinho-Miguelista*.

—Quem no coio é gr * * mestre
e tem malhete.

E' o *cabêça de alfinete*.

—Quem de multas é caçador e
primo do *Mariano*?

E' o *Gualteriano*.

—Quem de dia enterra mortos e
de noite é *espião*?

E' o p... *formigão*.

—Quem por fino quer passar
com espertesa de *amfibio*?

E' o nosso *D. Toribio*.

—Quem procura agradar e que
o tercis p'ra outra vez?

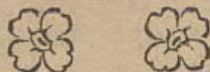
E' o...

MELRO 33.

GRABMAS



Passaram bastantes no número passado: este também as traz. Rectificamos as seguintes, na poesia AMOR. Onde vem — *Finalmente Florida, leia-se—Finalmente c'lorida;* onde se lê—*Na estrela que com brilho mais abrandar, leia-se—Na estrela que com seu brilho mais abrandar.*



Inauguração dos Pirângulas

E' assim composto o programa desta curiosa agremiação:

1.ª PARTE—Ao romper de alva uma salva de 21 tiros; execução do hino pela nova filarmónica vimaranense.

2.ª—A's 6 horas da manhã, do dia combinado, encorporar-se-ão, no largo da República do Brazil, todos os sócios que, ostentando na cabeça artisticos capacetes feitos de encomenda, acompanhados da respectiva banda musical, seguirão a caminho da Penha.

3.ª—A' chegada da montanha proceder-se-há à inauguração da bandeira do grupo.

4.ª—Descanço: apreciação à boia.

5.ª—Visita dos Pirângulas aos pedregalhos olympicos.

6.ª—Torneio aos pambos.

7.ª—Ginástica sueca.

8.ª—Descanço e apreciação à boia.

9.ª—Recreio dos carqueijeiros.

10.ª—Concurso hípico em que tomam parte os grupos: dos *Epicuristas*, da invicta cidade; dos *Amados*, de Braga; dos *Pindorgas*, de Penafiel; dos *Fanforras*, de Fafe; dos *Modestos*, de Felgueiras; dos *20 Amigos*, de Louzada; dos *Caroços*, de Santo Tirso; dos *Tagarelas*, de Gaia...

11.ª—*Foot Ball* no campeonato da Comissão dos melhoramentos da Serra.

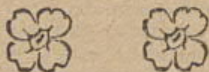
12.ª—Comício pirangulesco, sobre a malvadez do Povo da Régua, que fez soltar o líquido favorito.

13.ª—No final do comício haverá muita fôrça de sino, fôgo e música.

14.ª—Chegada dos excursionistas ao Campo da Feira onde terão uma recepção pelo grupo dos *Raposeiros*, da Povoia de Lenhoso.

15.ª—Conferência na séde do grupo pirangulesco.

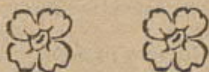
—Que sejam felizes, os 4:444 sócios!!!



DESCULPAS



Temos em nosso poder, entre vária colaboração, dois sonetos do snr. *Etsirt* e *Rolando*: no próximo número os publicaremos.



Teatro D. Afonso Henriques

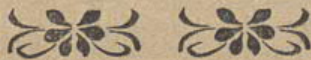


Realisa-se hoje, neste teatro, um sarau promovido pelo "Grupo Scenico da Juventude Católica", cujo produto reverte em favor do cofre da Associação.

Compõe-se o programa de comédias, poesias e discursos.

Preços da casa.

Agradecemos o bilhete branco.



Referências ao nosso cantador:

«O Melro». Já o conheciamos da sua primeira infância, alegre, prazenteiro e de Guimarães.

Depois, coitado, calou-se: não sabemos se na muda de pena, ficou recolhido. Agora, com os pronunciamentos de primavera, ei-lo, de novo, "repicando finas ironias,, e, lá de Guimarães, "por entre risadas de cristal,, de quinze em quinze dias, a dar a toda a gente os "bons dias,,. E' de bico amarelo e

de penas brancas, por tanto dos raros. Tem humorismo e literatura —quer dizer:—bôa cantiga. Damos-lhe as boas vindas desejando ao "Melro,, longa vida e prosperidades.,,

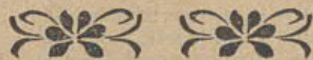
(Da «Folha da Manhã», de Barcelos).

«O Melro». «Começou a publicar-se em Guimarães um interessante quinzenário humorístico assim intitulado e dirigido, entre outros, pelo nosso amigo e colaborador sr. A. Leão Martins. Apresenta-se bem redigido e dum agradável e atraente humorismo, cheio de graça e decencia, o que não é vulgar nos nossos dias. Apresentamos-lhe as nossas saudações e desejamos-lhe longa vida.

(Do «Debate», de Santo Tirso)

(CONTINUA).

—O Melro agradece: obrigado.



Á ULTIMA HORA

Tele...grama

Pinhel—10—às 13 roças e 2 fusos...

Melro

Guimarães.

Ceguei, ceguei, ceguei,
Agora, agora, agora;
Ceguei á bocadinho
Inda num há meia hora.

Saudades ao Mário, visitas Dona Barros e um xi-coração ao Alves da Câmara.

Ferreira.



Preço da assinatura

Trimestre, 12 centavos (120 reis); pelo correio aumenta 3 centavos (30 reis) para o porte e cobrança

SECÇÃO LITERÁRIA

Pátria portuguesa

QUE maravilha de Pátria! Que poema indecifrável, misterioso, tétrico eu encontro nos seus montes cheios de poesia, nas simples plantas agrestes e solitárias, nos trajes de verdura e de esplendor da Natureza hiante de Vida!

Que mimo! Que sumptuosidade!

E tudo são segrédos, tudo são Saudades—folhas caídas para não mais se erguerem—, tudo são Poentes outonais, frios, gélidos e dolorosos!

E são rios que nos enviam preces; e são fontes que nos contam máguas vívidas e ainda a sangrar; e são aves que nos ensinam cantos; e são sinos que nos fazem chorar... chorar pelos que já lá vão; e são capelinhas, vestidas de branco, resumando simplicidade, que nos atestam Fé... consoladora religiosidade; e são os céus azuis dum esplendor, dum beleza inimitável; e são noites, coroadas de estrelas, que nos deixam num extase; e são sois, e são flores, e são suspiros, e são lágrimas de portugueses...; e é aquela Fé mística, ardente, firmemente arraigada do pitoresco Minho; e é aquele som ruidoso, cavo, funério do mar gigante, todo gemidos, todo amarguras; e é aquela frescura, aquela formosura indescriptível da mulher do povo; e é aquele amor sarto, intenso, nunca desmentido, de Inês de Castro; e é aquela Caridade, transformada em flôres, dum Rainha Santa; e é aquele Heroísmo nunca ofuscado de Afonso Henriques, de João I, de Nun'Alvares, de Mousinho; e é aquela lialdade cavalheiresca, só digna dum Patria tam bela, de Egas Moniz; e é aquele sangue-frio de Filipa de Vilhena, armando seus filhos cavaleiros e apontando-lhes o caminho do dever; e é aquela bondade juvenil, aquele coração amante e amado de D. Pedro V; e é aquela inspiração fascinante, de António Nobre, dedilhando a sua lira de oiro, toda Dôr, toda Tristeza, toda Saudade; e é esse anjo da Caridade, Constante Teles da Gama, espalhando sorrisos, concedendo esmo-

as, enxugando lágrimas; e é um nunca acabar de belezas, de maravilhas, de perfeições, de brilhos desmedidos, de preciosidades admiráveis; e... és tu—oh Pátria minha amada!—, és tu que encerras tudo isto! E lembrar-me eu que sou teu filho, e lembrar-me eu que és o meu orgulho, a minha vaidade, o meu sangue, a minha vida, toda a razão de ser da minha existência atribulada!

Que orgulho eu tenho de ser Português, ao recordar tanta coisa bela, ao revolver o deslumbrante e cada vez mais saudoso Passado—o que não volta mais!

Terra de poetas e de sonhadores, terra de sentimento e de belesa, meu coração encontrou nela—nesta Pátria dos Gamas, dos Camões e dos Herculanos—uma Mãe santa, carinhosa e boa, dotada de nma pureza infinita, dum Amor acrisolado e sem igual, dum Alma immaculada, feliz, e incomparavelmente etérea!

A sua História tem páginas dum brilhantismo indefinido; escrita a letras doiro, com pena de rubis e de cristal. Ela contém e encerra feitos dum heroicidade inexplicável, dum bravura indómita e sacrosanta, dum coragem ingénita, dum força verdadeiramente herculea; Ela encerra também, e em grande escala, farrapos de alma de seus filhos, fragmentos bemditos de corações portugueses, que no momento do perigo e do imprevisito se lançavam à lica com um desprendimento divinhal e único!

E este santo Amor à Mãe—o amor da Pátria—o mais puro, o mais nobre, o mais egrégio de todos, era bem merecido: Mãe tam generosa e pura, era digna de todos os sacrificios, de todos os mártírios, dos mais atrozes sofrimentos!

Por isso—oh Pátria—é que eu ao lembrar a tua beleza, a tua História, a tua Fé, o teu Heroísmo, não posso deixar de beijar teu solo sagrado, e de, num frenesi de entusiasmo, num arroubo de loucura, dizer como o príncipe dos Poetas:

«Esta é a ditosa Pátria minha amada».

Guimarães, 1915.

EDUARDO PASSOS,



VIRGENS MORTAS

Quando uma Virgem morre, uma estrela aparece Nova, no velho engaste azul do firmamento: E a alma da que morreu, de momento em momento Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

O' vós, que, no silêncio e no recolhimento Do campo, conversais a sós, quando anoitece, Cuidado!—o que dizeis, como um rumor de prece Vai sussurrar no ceu, levado pelo vento...

Namorados, que andais, com a boca irasbordando De beijos, perturbando o campo sossegado E o casto coração das flores inflamando,

—Piedade! elas vêm tudo entre as noites escuras Piedade! esse impudor ofende o olhar gelado Das que viveram sós, das que morreram puras.

OLAVO BILAC.

AMOR

(A's gentis damas vimaranenses)

E' chaga que goteja e não se cura;
E' dôr que dá prazer;
E' suave tortura;
E' raio que nos cai e não fulmina;
Cadeia que se liga eternamente;
E' punhalada que se dá e não se sente;
Paixão que nos domina;
Luz que esparge no nosso pensamento
As creanças irisadas;
Fulgur que atea em nossa alma chamus sagrado
Amor—uma atracção sentimental;
Conselheiro do bem e causador do mal;
Um poema de célico sonhar
De santos ideais!
Amor .. amar... amar...
Percebê-lo no ar puro que respiramos,
Na fragância da rosa que cheiramos
Finalmente c'lorida;
Senti-lo préso ao nosso bom viver
Tal como se ele próprio fôsse a mesma vida;
Bebê-lo na poesia, em noites de luar,
Na estrela que com brilho mais abrandar
Do Firmamento a sua escuridão;
Ouvê-lo num gorgeio bem timbrado,
No doce murmurar do Mar calado
Falar a um coração,
O Paraíso mesmo em vida saborear...

Eis definido o amor! eis o que é adorar!

Guimarães—22—9—1915.

LEÃO MARTINS.